

FEMINISMO NAS REDES SOCIAIS: BREVE ANÁLISE DAS VISÕES FEMINISTAS E ANTIFEMINISTAS

Iarla da Silva Novaes ¹

Igor Ferreira Dantas ²

Ana Luiza Salgado Cunha ³

Resumo

Muitos debates giram em torno do feminismo e suas implicações, especialmente dentro de uma sociedade patriarcal estruturada. Esse sistema central organiza e molda a sociedade segundo normas masculinas, resultando na história das mulheres e de minorias sendo contada predominantemente de uma perspectiva masculina. Isso perpetua a exclusão e a subordinação das mulheres em relação aos homens. Além disso, persistem movimentos e discursos antifeministas que estigmatizam e desinformam, retratando o feminismo erroneamente como oposto ao machismo. Em contraponto, o feminismo busca igualdade, autonomia, reconhecimento e voz para as mulheres em todos os aspectos de suas vidas. Este estudo visa refletir sobre como as mídias sociais proporcionam um novo espaço para lidar com questões críticas, como a violência contra a mulher. Elas oferecem oportunidades para buscar informações e ajuda, mas paradoxalmente também ampliam os ataques sexistas, misóginos e outras formas de violência contra os direitos das mulheres. Nosso objetivo é analisar esses desafios com base nos textos do VIVA's – Grupo de Pesquisa em Estudos Feministas, Gênero e Diversidade da UESB e em dados de fontes informativas.

Palavras-chave: Feminismo. Gênero. Mídias sociais.

Introdução

O presente resumo analisa o impacto das mídias sociais como um espaço duplo no enfrentamento da violência contra a mulher. Por um lado, elas oferecem informação e apoio, mas, por outro, também ampliam ataques sexistas e misóginos. O feminismo é apresentado como um movimento político e revolucionário, crucial na conquista dos direitos civis, políticos

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

E-mail: iarlasilvanovaes@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3048954063846604> Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-9191-5731>

² Graduando do curso de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, atuou como bolsista no Programa Institucional de Bolsa Iniciação à Docência/CAPES – PIBID.

E-MAIL: igorcl925@gmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2529640457002727> ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5564-8493>

³ Professora Assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

E-mail: ana.luiza@uesb.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6780096540741535> Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9244-130X>

e das liberdades das mulheres, apesar da resistência conservadora que estigmatiza o movimento com discursos moralistas e religiosos. O VIVA's – Grupo de Pesquisa em Estudos Feministas, Gênero e Diversidade – UESB, aborda essas questões, explorando a história e os conceitos do Feminismo como essenciais para compreender o contexto das mulheres hoje. O VIVA's leva esse nome com dois sentidos que se entrelaçam: o de permanecermos vivas, em vida, carne e construção de conhecimento e como celebração, de muitos vivas aos nossos movimentos no e pelo mundo. O objetivo central do grupo é estudar, pesquisar e refletir sobre estudos de mulheres, gênero, diversidade e educação numa perspectiva interseccional. Utilizamos como referências autoras que destacam a importância de lutar por uma sociedade que respeite as mulheres e não as coloquem em situações de subordinação e desrespeito. Dentre essas autoras, elencamos algumas obras importantes para a compreensão do feminismo e da construção desse movimento na sociedade: “Sejam Todos Feministas” (Adichie, 2014); “Breve História do Feminismo” (Garcia, 2011); “Teoria Feminista: da margem ao centro” (Hooks, 2019); “Memória e eficácia social da Lei Maria da Penha no Município de Vitória da Conquista-Bahia” (Fernandes, 2017) e “Transfeminismo” (Nascimento, 2021). Essas obras foram discutidas no Grupo de Estudos VIVA's ao longo do último ano.

Garcia (2011) discute como o machismo é um discurso hegemônico de desigualdade na sociedade, onde os homens são percebidos como superiores às mulheres em todos os aspectos sociais, políticos e culturais. A autora define o sexismo como métodos empregados dentro do patriarcado para perpetuar essa hierarquia, criando um complexo social e cultural onde os homens são ensinados a se ver como superiores e as mulheres são subordinadas e vistas como objetos normais de subalternidade. Nos últimos anos no Brasil, as mídias sociais como *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, *YouTube* e *Spotify* têm um impacto significativo na vida cotidiana, influenciando tanto positivamente quanto na disseminação de “hate” e “fake news” sobre mulheres e movimentos feministas⁴. Um exemplo é Luísa Sonza, cujo álbum “Escândalo Íntimo” se destacou nas plataformas digitais, sendo o primeiro de uma artista brasileira a alcançar mais de 12 milhões de acessos em 24 horas no *Spotify*. Apesar do sucesso, Luísa enfrenta preconceitos como machismo e sexismo⁵, sendo rotulada de forma negativa na mídia e nas redes sociais, destacando como o gênero é moldado por normas sociais e não por características biológicas, como argumenta Garcia (2011).

⁴ <https://mittechreview.com.br/como-as-redes-sociais-podem-afetar-a-sociedade/>.

⁵ <https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/saia-justa-luisa-sonza-fala-sobre-o-odio-nas-redes.ghml>.

Feminismo enquanto conceito em disputa

Segundo Bell Hooks (2018), o feminismo se opõe ao sexismo, à exploração sexista e à opressão, não sendo anti-homem nem visando excluí-los ou retirar seus direitos na sociedade. Apesar das conquistas sociais e políticas das mulheres ao longo das décadas, como a autonomia na realização de laqueaduras e a distribuição gratuita de absorventes pelo SUS em 2023, as mulheres ainda enfrentam desigualdades na participação em decisões públicas e políticas, dominadas por homens em posições de autoridade. Um exemplo é o polêmico PL1904, aprovado com urgência pela Câmara dos Deputados, que equipara o aborto tardio, incluindo casos de estupro, ao crime de homicídio com pena mais severa que a de agressores, gerando intenso debate e representando um retrocesso nos direitos das mulheres.

O movimento feminista e os direitos das mulheres estão em destaque atualmente, especialmente nas mídias sociais como *WhatsApp*, *Instagram*, *Twitter*, *Facebook* e *YouTube*. Estes espaços permitem que mulheres discutam violências enfrentadas, denunciem assédios e compartilhem experiências. Redes sociais não apenas promovem ideias feministas, mas também facilitam o acesso à informação e debates. A visibilidade obtida nessas plataformas ajuda a conscientizar sobre os obstáculos enfrentados pelas mulheres, incentivando o engajamento feminista.

Há uma crescente onda antifeminista que dissemina desinformação e opiniões infundadas sobre o feminismo. Exemplos como a Deputada Estadual Ana Caroline Campagnolo⁶, que possui um grande número de seguidores e promove obras antifeministas como "Feminismo: perversão e subversão" (CAMPAGNOLO, 2019). Ane Martin também contribui com seu *Instagram* "diário antifeminista". O movimento das *Tradwives*⁷, ou "esposas tradicionais", cresce nas redes sociais, promovendo o conservadorismo e a submissão ao matrimônio e aos papéis tradicionais de gênero. Esses perfis desinformam mulheres em processo de compreensão do feminismo, levando a atitudes que contradizem os princípios do movimento e ampliam o distanciamento entre grupos minoritários. Algumas mulheres reproduzem inadvertidamente comportamentos machistas e patriarcais, sem reconhecer que seus direitos atuais são resultados de lutas feministas passadas.

⁶ <https://scc10.com.br/politica/criticas-deputada-sc-1o-congresso-antifeminista-no-dia-da-mulher/>

⁷ <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2024/05/29/tradwife-quem-sao-as-mulheres-que-fazem-sucesso-mostrando-rotina-de-dedicacao-exclusiva-ao-lar.ghtml>.

Discutimos como perfis antifeministas utilizam imagens públicas de artistas como Anitta⁸, Luísa Sonza⁹ e Ludmilla¹⁰ para atacar e desqualificar suas carreiras. Enquanto Luísa Sonza enfrenta ataques antifeministas, Ludmilla, uma cantora negra e periférica, é alvo de ataques sexistas e racistas. Isso evidencia que o feminismo não busca apenas igualdade, mas também reconhece as diferentes lutas enfrentadas por cada grupo dentro do movimento. Bell Hooks (2009), critica teorias hegemônicas em "Teoria Feminista: Da Margem ao Centro", defendendo uma abordagem mais inclusiva e interseccional que considera as experiências das mulheres marginalizadas. Anitta¹¹ também enfrenta críticas por sua imagem sexualizada, apesar de seu sucesso global na música, mostrando como mesmo mulheres bem-sucedidas são alvo de ataques sexistas, racistas e religiosos.

Para seguir refletindo

Buscamos discutir o impacto significativo dos movimentos feministas na contemporaneidade, especialmente por meio das mídias sociais, que são essenciais, mas paradoxais. Destaca-se a importância fundamental das redes sociais ativas para unir e fortalecer as mulheres em suas causas contra discriminações como o sexismo, a violência e a opressão. Alerta-se para o perigo de ignorar essa realidade e associar-se a grupos antifeministas, reforçando práticas prejudiciais. A necessidade de verificar rigorosamente a veracidade das informações é enfatizada, dada a disseminação de fake news em diversos meios de comunicação, muitas vezes com intenções de desacreditar os movimentos feministas. Conclui-se que o combate urgente às fake news é vital para preservar a busca por informação e conhecimento de qualidade.

Referências

⁸ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rio-innovation-week/noticia/2023/10/04/anitta-diz-que-teve-dificuldade-no-inicio-da-carreira-por-ser-mulher-e-escolher-estilo-sensual-tive-que-ser-agressiva.ghml>.

⁹ <https://hugogloss.uol.com.br/famosos/luisa-sonza-revela-como-ataques-de-haters-mexeram-com-sua-saude-mental-fico-pensando-que-vaio-acabar-comigo/>

¹⁰ <https://www.otempo.com.br/entretenimento/celebridades/dia-da-consciencia-negra-ludmilla-sofre-ataques-racistas-e-fas-pedem-respeito-1.3278086>.

¹¹ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rio-innovation-week/noticia/2023/10/04/anitta-diz-que-teve-dificuldade-no-inicio-da-carreira-por-ser-mulher-e-escolher-estilo-sensual-tive-que-ser-agressiva.ghml>.

ADICHIE, Chimamanda N. **Sejamos Todos Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CAMPAGNOLO, Ana Caroline. **Feminismo: perversão e subversão**. São Paulo: Vide, 2019.

FERNANDES, G. A. **Memória e eficácia social da Lei Maria da Penha no Município de Vitória da Conquista**. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**, São Paulo: Claridade, 2011.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro Trad. de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.